

## *Pânico*

Eram tempos de inverno, e o Sr. Heiner preocupava-se – ocupava sua mente, seu âmago, com o árduo afã de finalizar sua trilogia. Deus fez – ou, melhor dizendo, *perfez* – sua criação em seis dias; mas ele – ah, Heiner nada criou em sete anos... Assim sendo, achou por certo partir para ares mais rarefeitos, mergulhar em suas sete solidões, trilhar oblíquas veredas e verdades e encontrar o *daemon*, o coração selvagem, trevoso, da criação – arte é escrita em sangue.

O Sr. Heiner partiu para Ausentes, uma pequena cidade serrana; alugou uma cabana envolta pela vastidão: campos infindáveis, marchas mágicas de cândidas nuvens e um inegável *je ne sais quois* de estepe; e pôs-se a trabalhar; mas nada acometeu-lhe além de um torpor generalizado, que foi atribuído a uma constipação do espírito. – Nem os sofrimentos de Werther, nem a beleza floral de Jacobsen, nem a sutileza de Tchekhov poderiam transmutar esse estado de espírito... Heiner entendeu que, a fim de espairer, deveria explorar os cânions.

Estava frio, os ventos uivavam e uma nuvem apossara-se dos cânions, submergindo-os em uma neblina densa, fria e úmida. Temendo o perigo, Heiner procurou abrigo em um bosque, composto por eucaliptos, alvas araucárias e frondosas coníferas. Ele encontrou um rochedo tranquilo para descansar enquanto esperava a nuvem tempestuosa passar.

“*O espírito expira e inspira*”, Heiner pensou. Um sopro vital, o *pneuma* vertido em *mnema* –: as histórias inspiram quando rimam com o indizível interno derivado da vivência, da experiência. Nessas florestas escuras, o deus Pã espreita, entoando odes à beleza e levando exploradores incautos ao limiar da sanidade, ao pânico – uma certa loucura, uma certa certeza. Entretanto, é lá, justamente no âmago do pânico, do selvagem, do esplâncnico em que reside a fagulha divina da criação e de todo perfazer...

Quando a nuvem passou, Heiner despertou de devaneios oníricos, certo de que sua epifania, o fim de sua agonia, jaz na ponta da língua.

*Felipe Carnin.*